

economia

Abiquim defende benefício do CBIO para produção de químicos com etanol

/ INDÚSTRIA QUÍMICA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

A demanda pela substituição de insumos fósseis por renováveis também é percebida dentro da cadeia de produtos químicos. O fato de ser um grande produtor de etanol deixa o Brasil em um cenário estratégico nesse tema. Porém, o presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), André Passos Cordeiro, destaca que ainda há alguns pontos que precisam evoluir para aumentar a competitividade das empresas nessa área e uma dessas ações é estender o benefício do Crédito de Descarbonização (CBIO) para a fabricação de químicos a partir do álcool.

Jornal do Comércio - Que medida poderia ser tomada para impulsionar ainda mais a produção de produtos químicos a partir do etanol no País?

André Passos Cordeiro - O Brasil foi pioneiro na produção de químicos a partir do álcool. Estamos em uma ótima posição, sendo líder na América Latina e no mundo, em alguns casos. Ocorre que há necessidade de ajustes regulatórios. No caso do etanol, um ajuste absolutamente necessário é estender o benefício do certificado do Crédito de Descarbonização (CBIO), que é decorrência da Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio).

JC - Qual a distorção que ocorre hoje?

Cordeiro - Para cada tonelada de etanol que substitui a gasolina, o produtor recebe um certificado que tem valor de mercado. Portanto, ele tem um ganho produzindo etanol. Isso não acontece quando o etanol é utilizado para químicos, o CBIO não é ge-

rado, embora haja uma redução de emissão de carbono na atmosfera, então ele deveria ser gerado. Isso é um desincentivo para produzir químicos a partir do etanol.

JC - Outra proposta defendida pela Abiquim é a harmonização das tarifas das distribuidoras de gás natural do Brasil, que são distintas em cada estado. Como fazer isso?

Cordeiro - É preciso abrir uma nova revisão tarifária, por exemplo, no estado de São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia e rediscutir a base dos ativos e a proposta de planos de investimento em expansão de gasodutos. Tem vários pontos a trabalhar. Existe uma tabela da tarifa para a indústria, de progressão por volumes, cuja curva é muito pior do que é para o consumo térmico. Na verdade, tinha que favorecer o consumo continuado de gás, isso significa incentivar que esse volume continue sendo utilizado e cresça, ao longo do tempo, com uma redução de tarifa.

JC - A oferta de gás da jazida de Vaca Muerta, na Argentina, é uma opção para a indústria brasileira conseguir acesso a um combustível competitivo?

Cordeiro - É uma alternativa. Agora, a gente não pode re-



O Brasil tem gás, ele não tem é gás para atender todo mundo, para ser a principal fonte de geração de energia elétrica no País



Presidente da associação propõe estímulos para a indústria nacional

produzir os modelos em que a gente é totalmente dependente da importação de gás. Nós já fizemos isso com a Bolívia e vimos várias complicações políticas naquele país que contiveram investimentos na expansão de campos exploratórios.

JC - Como encontrar um equilíbrio entre o uso de gás importado e o nacional?

Cordeiro - O Brasil tem gás, ele não tem é gás para atender todo mundo, para ser a principal fonte de geração de energia elétrica no País e ao mesmo tempo ser a principal fonte de energia e matéria-prima para a sua indústria. Há que ter um desenho, uma arquitetura de política pública que priorize a destinação do gás brasileiro para a indústria brasileira. O gás para produzir energia elétrica no Brasil pode ser importado, porque só precisamos recorrer à produção de usinas térmicas esporadicamente, como uma segurança de sistema. Para

mim, deveria ser organizado assim: o gás do Brasil, para a indústria brasileira, o gás importado, para a geração térmica e de energia elétrica.

JC - Uma das principais empresas do setor químico, a Braskem, recentemente pediu recuperação extrajudicial. Isso é um sintoma das dificuldades verificadas pelo segmento de forma geral com a volumosa entrada de produtos importados no mercado nacional?

Cordeiro - Sem dúvida nenhuma. O que aconteceu? Tem um excesso de capacidade de produtos químicos no mundo que produziu uma compressão de preços finais e de margens e isso afetou o resultado financeiro da Braskem gravemente, produzindo resultados negativos ao longo do tempo. Isso fez com que o endividamento da empresa crescesse. Isso, combinado com uma taxa de juros insuportável, pornográfica no Brasil, levou a



É preciso abrir uma nova revisão tarifária, por exemplo, no estado de São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia e rediscutir a base dos ativos

empresa à situação que ela tem hoje. Ela não é a única, tem outras companhias do setor que entraram em recuperação judicial, por conta do mesmo fenômeno. Mas, a gente acredita que a Braskem vai se recuperar. O principal desafio, que era a reestruturação acionária foi feito, agora é lidar com a dívida de curto prazo.

JC - Após as eleições, que caminho a indústria química espera que seja tomado para a principal fornecedora de matérias-primas para o setor, a Petrobras?

Cordeiro - A gente espera que a Petrobras priorize a entrega das suas matérias-primas, gás natural e petróleo, para o complexo industrial brasileiro. Que ela veja a indústria brasileira como uma possibilidade de sustentabilidade do seu negócio a médio e longo prazo, que ela saia de uma visão de curto prazo, baseada em margem e em preço. Onde ela vai colocar o seu petróleo e derivados a partir do momento em que a mobilidade no Brasil vê os carros e ônibus elétricos tomarem o mercado de veículos a combustão? Na indústria.

JC - O que pode acontecer se a Petrobras não adotar essa estratégia de longo prazo?

Cordeiro - Se ela não fizer esse giro rapidamente, ela não vai ter indústria ou mercado de mobilidade para colocar o seu petróleo e o gás natural. Esse é o ponto que a gente alerta e é isso que esperamos da Petrobras, esteja sob a condução de quem for, que perceba esse horizonte.

Pesquisa aponta que encher o tanque com etanol em vez de gasolina traz economia de 39%

/ COMBUSTÍVEIS

Encher um tanque médio de 55 litros com etanol custa cerca de R\$ 227,15, contra R\$ 370,15 para a gasolina, uma diferença de aproximadamente 39% (cerca de R\$ 143,00), informa o Índice de Preços Edenred Ticket Log (IPTL), levantamento que acompanha

o comportamento de preços das transações em postos de abastecimento de todo o Brasil. Segundo a Edenred, o motorista comum que viajar no feriado de 7 de setembro deve optar pelo etanol em detrimento da gasolina.

Já para os motoristas de caminhão, abastecer com o diesel comum será mais vantajoso do que

com o diesel S-10, menos poluente, o que pode gerar uma economia de R\$ 162,00 em um tanque com capacidade média de 540 litros ao fazer a troca.

“Considerando um tanque com capacidade média de 540 litros, abastecer um caminhão com diesel comum terá um custo aproximado de R\$ 3.645, com base no

preço médio de R\$ 6,75 por litro registrado em agosto. Com o diesel S-10, cujo preço médio foi de R\$ 7,05 por litro, completar o mesmo tanque deve custar aproximadamente R\$ 3.807, uma diferença de cerca de R\$ 162,00”, informou a Edenred.

Além do abastecimento, a empresa destacou que as viagens no

feriado também levam em conta os pedágios. Dados da Edenred Mobilidade mostram que, nos últimos 12 meses, o investimento médio por veículo em pedágios atingiu R\$ 130,51, com custo médio de R\$ 18,79 por transação, abaixo do desembolso médio de R\$ 167,32 por veículo, considerando R\$ 20,31 por passagem há um ano.